



Interfaces entre agroecologia e educação emancipatória: relato de experiências extensionistas

Interfaces between agroecology and emancipatory education: report about extensionist experiences

PIRES, Ana Christina Duarte¹; LUZ, Celine Vieira²; LISOT, Clayre³

¹ UFPR, anachristina@ufpr.br; ² UFPR, indefinidawn@gmail.com; ³ UFPR, clayrelisot@ufpr.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: Este relato de experiência é fruto das ações do projeto de extensão universitária denominado “Paisagem Local como Recurso Pedagógico de Educação Ambiental”, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, que têm ocorrido desde março de 2022. O trabalho resultou das interações das integrantes do projeto com estudantes e as equipes que atuam nas escolas. A metodologia utilizada foi o diálogo permanente entre participantes dos projetos de extensão e comunidade escolar. Os relatos positivos manifestados pelas pessoas envolvidas nas ações revelaram o diferencial de um planejamento coletivo, correspondente à realidade local e que valorize os sujeitos envolvidos, para promover uma educação realmente emancipatória, como propõe a educação agroecológica.

Palavras-chave: extensão universitária, educação ambiental, recursos locais.

Contexto

No município de Matinhos, litoral do Estado do Paraná, a lei no. 2030/2019 institui a Política Municipal de Agricultura Urbana e Periurbana. No parágrafo II do Artigo 1º, II são previstas ações relacionadas à Educação Ambiental, Agroecologia e Educação para uma alimentação adequada e saudável. Com base nessa lei, práticas de educação ambiental, hortas nas escolas e alimentação adequada têm sido incentivadas nas escolas.

Pensando na aplicação dessa lei, este texto tem como base uma reflexão sobre perspectivas de educação agroecológica, pelas quais o conhecimento é construído de forma coletiva. A proposta dessa coletividade é baseada em Freire (1981), o qual afirma que não há saberes mais ou saberes menos: há saberes diferentes.

Considerando o saber agroecológico como de extrema importância na relação da vida em comunidade dos seres humanos entre si e com a natureza, a Agroecologia traz o conceito de que a natureza sustenta o bem viver geral, e é protagonista de tudo que envolve a vida humana, enfatizando o pensamento crítico em relação aos efeitos maléficos do desenvolvimento da sociedade capitalista. Entretanto, esses saberes são, muitas das vezes, negligenciados enquanto conhecimentos da formação básica de sujeitos da educação, que podem carecer de uma educação ambiental mais crítica e prática.

Dessa forma, o texto é um convite a refletir, enquanto educadores e educadoras, sobre práticas pedagógicas que compreendam o que é demandado pelos principais



sujeitos da educação (estudantes, educadores/educadoras, servidore(a)s técnico administrativos e comunidade escolar). Para isso, propõe-se o diálogo permanente como ferramenta fundamental para que experiências, aspirações e saberes resultantes das relações culturais e históricas da comunidade escolar sejam valorizados. Para tanto, a responsabilidade de educadores e educadoras vai além de respeitar: precisa dialogar com todos os atores do grupo que integram o processo educativo, a razão de ser desses saberes em relação ao conhecimento a ser produzido coletivamente. Dessa forma, precisa ser fundamentada por uma proposta de educação emancipatória, que considere o diálogo como caminho real para uma sociedade mais consciente e sustentável. Além de fomentar uma conscientização educacional emancipatória, o texto traz reflexões com princípios agroecológicos, capazes de chamar a transformações concretas na sociedade.

Com base na necessidade dessa reflexão, o objetivo desta descrição de experiência é demonstrar o significado do diálogo no respeito aos diferentes atores incluindo suas necessidades e seus saberes. E, para isso, os atores (especificados no parágrafo anterior) são pontos de partida no processo de ensino e de aprendizagem.

A investigação se deu a partir de duas ações do projeto de extensão “Paisagem Local como Recurso Pedagógico de Educação Ambiental”, desenvolvido no Setor Litoral da UFPR (UFPR Litoral) de março a dezembro de 2022. Uma delas partiu de uma roda de conversa entre integrantes do projeto e de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), a qual teve seu planejamento feito a partir do diálogo constante entre toda(o)s os envolvida(o)s. A outra resultou dos projetos de aprendizagem de duas estudantes do Curso de Agroecologia da UFPR Litoral, articulados ao projeto de extensão, interagindo com estudantes de duas escolas de Ensino Médio, a qual foi chamada de “Semeando Com Ciência”. Em ambas as ações, o tema gerador foi a recuperação de canteiros para horta, como ferramenta para introduzir conceitos, reflexões e práticas sobre agroecologia nas comunidades escolares. Neste tema foram inseridos o reconhecimento da paisagem local, a alimentação saudável, o manejo agroecológico da produção, os saberes populares e as tecnologias sociais.

O diferencial foi a perspectiva de execução dessas atividades: ao invés de trazer um modelo pronto de horta e ser implantado instantaneamente, cada ação partiu de um planejamento continuado, a partir de temas levantados por integrantes das escolas (professora(o)s, funcionária(o)s e estudantes), por meio de relações dialógicas.

Descrição das Experiências

Experiência com a equipe do CMEI:

A fim de participar das práticas de educação ambiental, em março de 2022, a diretora de um CMEI local entrou em contato com as autoras desse trabalho, a fim de reativar canteiros para horta que foram construídos na escola. Foi chamada uma



reunião com toda a equipe¹ da escola, para que todos e todas pudessem expressar sua opinião e expectativas.

Assim, a metodologia utilizada para a reunião foi uma roda de conversa, com todos e todas em círculo e, após as devidas apresentações pessoais, abriu-se a palavra para manifestações no grupo. O objetivo dessa conversa foi discutir coletivamente as possibilidades de trabalho com a horta na escola e principalmente ouvir dos professores e funcionários da instituição o que eles esperavam do projeto em seu ambiente de ensino. Foram facilmente identificados comentários frequentes sobre projetos de horta e educação ambiental que começam a ser executados na escola e, após a instalação, não mais retornam ao local, sendo encerrados precocemente. Logo em seguida, o grupo se manifestou sobre sua principal expectativa: que antes de começar as atividades com as crianças, gostariam de ser capacitada(o)s, para terem autonomia para continuar cuidando da horta, inclusive no período de férias. Foi esta a base para o planejamento coletivo das atividades envolvendo o projeto de extensão e a escola.

A partir daí, foram planejados os próximos encontros, onde foram desenvolvidas as seguintes oficinas:

- 1) reconhecimento das especificidades geográficas e climáticas do local, a fim de construir seu próprio modelo de horta, sem a interferência de modelos externos pré concebidos;
- 2) preparação de composteiras utilizando materiais recicláveis; já que foi concluído no encontro anterior que o solo local é naturalmente pouco fértil;
- 3) montagem de vermicomposteiras, a qual compreendeu cuidados, armazenamento e os benefícios da vermicompostagem, detalhes esses demandados pela equipe da escola. Nessa montagem, foram utilizadas as composteiras montadas no encontro anterior e
- 4) montagem de sementeiras utilizando o cilindro de papelão de rolos de papel higiênico, normalmente descartado. Nesta oficina houve participação das crianças que estudam no CMEI.

Experiência nas escolas de Ensino Médio

O trabalho foi construído inicialmente para ser aplicado em escolas de Ensino Médio, com o objetivo de construir um plano piloto de intervenção pedagógica e curricular para formação docente e discente, através de ações práticas no espaço escolar e criação de materiais didáticos pautados no saber ambiental e agroecológico que dialoga com a perspectiva freireana de educação emancipatória.

Sendo assim, o trabalho se iniciou com o desejo em articular os conhecimentos adquiridos na graduação em Agroecologia, das integrantes do projeto de extensão, com a ação prática em escolas, e foi possibilitado pela demanda interna dos

¹ Equipe da escola: professoras, professores, funcionárias responsáveis pela merenda escolar e funcionárias responsáveis pela limpeza.



colégios, que entraram em contato para receber auxílio técnico e teórico da universidade.

A chamada foi feita por uma estudante da UFPR Litoral e da professora de Biologia de uma das escolas, visto que já havia sido iniciada uma horta e uma composteira no espaço escolar que não tiveram devida continuidade, necessitando de manejo e manutenção. Aberta esta possibilidade, a ação foi ganhando vida até receber o nome de "Semeando com Ciência".

Já iniciadas as atividades, foi começado um contato em sala com os e as estudantes, para ambientação com a atividade. Foi preciso primeiro analisar quais eram as condições em que o conteúdo das disciplinas se integrava às atividades, para iniciar o planejamento coletivo. Iniciou-se por fazer as análises de solo em conjunto com os e as estudantes com a técnica da fita medidora de pH. Os e as estudantes, mediante orientações técnicas prévias, pegaram amostras de solo de todas as partes da horta, composteira e dos espaços de possível utilização. Após a coleta, foi explicado sobre o pH e a relação nutrientes, solo, planta e introduzidos alguns conhecimentos em relação à composteira nessa composição. Durante esta atividade prática, os e as estudantes iam sendo provocados para que trouxessem questões referentes aos assuntos abordados. Foram utilizadas questões sobre como era o solo de sua casa e de seu bairro e qual o seu entendimento sobre os solos. Além disso, foram observados os aspectos que intrigavam os e as estudantes da escola e a partir daí começaram a ser planejadas as próximas atividades.

Após essas atividades, as estudantes de Agroecologia foram chamadas para dar uma aula sobre a composteira, relacionando com o conteúdo da disciplina de biologia do ensino médio, para que se pudesse compreender as etapas, os porquês e as técnicas ideais de cuidados com o solo. Nesta aula, foi observada a reação das(os) estudantes envolvidas(os), que demonstraram interesse no assunto, surgindo diversos questionamentos e debates. Também foi realizada uma atividade — que contou com empolgação e participação ativa das(os) estudantes — em que foi utilizado o quadro separado em duas partes para identificar os lixos domésticos produzidos que podem ou não fazer parte da compostagem e porquê. Após abordar o tema produção de lixo e reciclagem, os e as estudantes desenvolveram cartazes para o âmbito escolar sobre esses assuntos e instruções de manejo da composteira. O intuito da produção desse material foi informar sobre a composteira que seria estabelecida na escola.

Dada sequência com o resgate do espaço da horta, em seguida foi realizada a divulgação do projeto via redes sociais para arrecadar contribuições para a compra de mudas para o plantio inicial da horta. No dia do plantio, as(os) estudantes estavam mais empolgados do que nunca e tiveram protagonismo no plantio de todas as mudas, do preparo do solo e de todo o cuidado consecutivo para o êxito dessa ação. A partir disso, foi desenvolvida uma aula sobre o ciclo do carbono a pedido da professora, ao ver que fazia total sentido com o material de estudo do cronograma curricular com as vivências obtidas naquele momento com o projeto.



Resultados

No final dos últimos meses do projeto, em 2022, foi observado que tanto as equipes do CMEI e da escola de ensino fundamental e médio, quanto os e as estudantes estavam se aproximando cada vez mais e observando as atividades realizadas na horta, o que possibilitou a criação de diálogos e a inclusão de toda(o)s aquela(e)s que tinham interesse de fazer parte das atividades do projeto. Destaca-se a atuação dos e das estudantes do ensino fundamental, que demonstraram muita força de vontade, auxiliando no manejo de plantio, poda, colheita de matéria seca e entre outras atividades que vinham sendo realizadas no espaço.

A boa receptividade da metodologia e os relatos de satisfação manifestados pelas pessoas envolvidas na proposta revelaram o quanto é importante um planejamento conjunto das atividades, correspondente à realidade local e que valorize as pessoas envolvidas, para promover uma educação realmente emancipatória.

Na ocasião do encerramento da etapa 2022 do projeto, durante as rodas de conversa para avaliação, estudantes, professora(es), equipes administrativa, pedagógica e gestora, que participaram das atividades e diálogos, relataram que adquiriram uma segurança e inspiração maior para trabalhar os valores da educação ambiental e da agroecologia com a escola e em suas residências, o que foi manifestado pelos pedidos de continuidade do trabalho em 2023.

Esta experiência foi enriquecedora em relação a Agroecologia como ferramenta de educação, para os sujeitos das escolas e para as pesquisadoras, diante da empolgação em que se encontravam com o assunto e com a presença do projeto. Partindo deste relato, percebe-se que as demandas escolares são muitas e diante disso o projeto vai se moldando ao cotidiano escolar, enfatizando que não é a universidade que modifica esses espaços, pois há uma relação orgânica que parte de uma demanda vivida pela comunidade, na qual a comunicação é essencial para a construção de uma metodologia que respeite e contemple todos aqueles que ali estão.

A inclusão das teorias e técnicas da Agroecologia na educação ambiental demonstrou grande potencial multidisciplinar para o processo de ensino, auxiliando os estudantes na compreensão das questões ambientais de forma prática e lúdica. A experiência também demonstrou que a Agroecologia pode ser inserida no cronograma curricular das diversas disciplinas que compõem a formação básica, como Biologia, Química, História, Sociologia, Ciências, entre outras.

Além do mais, a inserção dos princípios da Agroecologia como forma didática de ensino reforça seu caráter científico, por fornecer articular princípios ecológicos para uma educação ambiental baseada na sustentabilidade em suas várias dimensões.. Foi notório que todos os professores, professoras e funcionárias que participaram das oficinas e rodas de conversas realizadas nessa primeira fase do projeto



adquiriram uma segurança e inspiração maior para trabalhar os valores da educação ambiental e da agroecologia com as crianças da escola, o que foi manifestado pelos pedidos de continuidade do trabalho dos projetos.

Sendo assim, conclui-se que a Agroecologia pode fazer parte do currículo escolar e do cotidiano de ensino de diversas formas na educação, seja como ferramenta metodológica e/ou teórica, visando a importância de compreender os processos da natureza e sua relação com o meio e com a realidade local no contexto contemporâneo.

Ao analisar todos os fatos apresentados neste trabalho, é possível concluir que para existir um futuro melhor, tanto na educação quanto nos cuidados com o meio ambiente, é mais do que necessário que a totalidade dos sujeitos atuem em conjunto, compartilhando saberes, anseios, vivências e experiências.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1981